

# ESPAÇOS DE VIDA MIGRANTES: MOBILIDADE E INSEGURANÇA EXISTENCIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

*Eduardo MARANDOLA JR.*<sup>1</sup>

*Luiz Tiago DE PAULA*<sup>2</sup>

## Resumo

A experiência urbana contemporânea é marcada pela constituição de espaços de vida amplos e esgarçados, que transformaram o espaço regional em espaço vivido. Para compreender estes processos, precisamos considerar tanto as categorias clássicas como densidade, intensidade, diversidade, quanto os novos contextos de hiper mobilidade e insegurança existencial. A fragmentação e individualismo se radicalizaram na morfologia metropolitana contemporânea, potencializando a individualização dos estilos de vida expressos nos espaços de vida individuais. Este artigo investiga esta problemática a partir das trajetórias de migrantes do bairro Jardim Amanda, cidade de Hortolândia, na Região Metropolitana de Campinas (SP), descrevendo e analisando na concretude do vivido estas transformações socioespaciais contemporâneas.

**Palavras-chave:** Experiência metropolitana. Forma urbana. Vulnerabilidade existencial. Riscos. Lugar.

## Abstract

### **Migrant life spaces: mobility and existential insecurity in the Campinas Metropolitan Region**

Contemporary urban experience is constitute for long life spaces, who transformed regional space in lived space. To comprehend these processes, needs classical categories as density, intensity, diversity, as the new contexts of hypermobility and existential insecurity. Fragmentation and individualism become radicalized in contemporary metropolitan morphology, enhancing the individualization of lifestyles expressed in individual life spaces. This paper investigates this issue from the trajectories of migrants on Jardim Amanda, Hortolândia, Campinas Metropolitan Region (SP), describing and analyzing the socio-spatial contemporary transformations in the lived concreteness.

**Key words:** Metropolitan experience. Urban form. Existential vulnerability. Risks. Place.

---

<sup>1</sup> Geógrafo, Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

<sup>2</sup> Geógrafo, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: luiz.paula@ige.unicamp.br

## INTRODUÇÃO

A experiência urbana nas metrópoles é marcada pela **densidade, intensidade e diversidade**. Desde Simmel (1973), com seu clássico estudo sobre a vida mental das grandes cidades, estas características têm se solidificado como essenciais para compreensão do fato metropolitano. No entanto, mesmo com tais características seminais, temos dificuldade ainda em pensar a realidade do metropolitano contemporâneo, especialmente em sua especificidade em relação a outras formas de urbano.

Contudo, estas categorias continuam sendo as melhores para pensarmos o metropolitano, em suas variações e transformações. Elas atingem sua base constitutiva enquanto fenômeno específico, especialmente quando pensamos a dimensão vivida da metrópole, ou seja, que sociabilidades e existências são possíveis nestes espaços.

Para isso é necessário descer “ao rés do chão”, acompanhando estas trajetórias e experiências da metrópole. Trata-se de avançar em relação às já consolidadas análises estruturais e descrições baseadas em dados secundários que, dentro de seus limites, já nos revelaram muito da natureza das metrópoles. É necessário dar um passo a mais, investigando o fato metropolitano tal como ocorre no cotidiano das cidades e famílias, ou seja, tal como é vivido. Faremos isso a partir da análise das trajetórias e dos espaços de vida de migrantes moradores do maior bairro da Região Metropolitana de Campinas (RMC), localizado na cidade de Hortolândia. Trata-se do Jardim Amanda, com uma população de mais de 50 mil habitantes e com os maiores fluxos pendulares em relação à sede metropolitana. A análise destas experiências nos permite refletir sobre o sentido da vida metropolitana contemporânea e as relações entre **morfologia urbana, condição migratória** e a **existência**, o que revela a importância da vulnerabilidade existencial enquanto condição da experiência metropolitana.

A fragmentação dos espaços urbanos e da experiência metropolitana talvez seja a expressão máxima do individualismo que Simmel (1973) já havia apontado como marca da modernidade. Para compreendermos a fragmentação das cidades metropolitanas e das experiências individuais é necessário investigar as narrativas específicas, a partir de levantamentos de campo e da objetivação das trajetórias e lugares de vida da pessoa. Para isso, operacionalizamos o conceito de **espaços de vida** que nos permite unir as metodologias qualitativas – narrativas, memória, trajetória migratória, história oral e biográfica (BOSI, 2003; DELGADO, 1990; FERREIRA, 1994; LE GOFF, 2003) – a uma abordagem geográfica de orientação fenomenológica (RELPH, 1979; PICKLES, 1985). Mesmo que as cartografias desenvolvidas apresentem limitações em sentido epistemológico (ainda são por demais euclidianas), o sentido dos mapas é uma **fenomenologia** da experiência, buscando adensar os sentidos cartesianamente mapeados no plano de coordenadas.

Para isso, discutiremos três espaços de vida, que foram escolhidos com a intenção de ressaltar o papel do estágio do ciclo vital no processo de migração para as regiões metropolitanas, a contextualizar diferentes vulnerabilidades.

Trata-se de um esforço coletivo de pesquisa que tem se desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas, buscando uma perspectiva fenomenológica da vulnerabilidade enquanto fenômeno vivido – dado da experiência. Este trabalho é mais um capítulo deste esforço, partindo da tradição geográfica de estudo da vulnerabilidade enquanto fenômeno social e biofísico (WATTS; BOHLE, 1993; CUTTER, 1996; WISNER et al., 2004) em direção a um entendimento relacional da vulnerabilidade, buscando ampliar seu escopo compreensivo em busca de uma perspectiva holística (CARDONA, 2004), , multidimensional e integrativa. Esta envolve todas as dimensões da existência, passando pela espacial, social, econômica, política, cultural, até a existencial (HOGAN; MARANDOLA JR., 2005; MARANDOLA JR.; HOGAN, 2006; 2009). Esta última é a que se refere diretamente à questão da vida mental nas cidades e à insegurança contemporânea.

A **dimensão existencial** da vulnerabilidade, entendida a partir de uma perspectiva geográfica, a qual considera a insegurança ontológica em sua dimensão espacial (GIDDENS, 2002; MARANDOLA JR., 2008a, b), implica considerar os perigos que ameaçam a manutenção da coerência narrativa e a construção da auto-identidade. Esta está ancorada nos lugares e territorialidades da memória (BACHELARD, 1993; RICOEUR, 2007), entendidos como base da constituição do ser, cuja materialidade espacial é expressa pelos espaços de vida.

Refletindo sobre a condição migrante e a mobilidade, nosso intuito é compreender as estratégias que se faz os conversantes a partir de sua própria história de vida (DELGADO, 1994). Isso permite problematizar qualitativamente concomitantemente questões referentes à distribuição da população no espaço, a metropolização e o sentido de lugar e territorialidade. O que possibilita associar campos diferentes da ciência geográfica no âmbito do debate interdisciplinar, em especial com a tradição fenomenológica. A discussão deste artigo, portanto, é de natureza **teórico-empírica**, pois os elementos se retroalimentam e permitem uma discussão sobre a natureza da experiência metropolitana, com pontos de reforço ou reconstrução das principais questões que aparecem no debate contemporâneo.

O texto inicia com a discussão sobre a relação mobilidade e condição migrante no Jardim Amanda, procurando estabelecer estes nexos tal como aparecem no bairro e na RMC. Em seguida o artigo focaliza a construção metodológica da noção de espaço de vida, para que as três trajetórias possam ser descritas. O artigo se encaminha, no final, para uma discussão conjunta da experiência substantiva sobre os temas em tela, refletindo sobre as implicações da combinação **experiência metropolitana-hipermobilidade-insegurança existencial**. Tais combinações expressam as relações entre morfologia urbana, condição migratória e a existência: elementos-chave para pensar a experiência metropolitana contemporânea.

## **MOBILIDADE E A CONDIÇÃO MIGRANTE NO JARDIM AMANDA (RMC)**

Estudar um bairro específico no contexto de uma dinâmica metropolitana objetiva compreender, a partir da concretude geográfica do vivido, como os fenômenos em tela aparecem na experiência cotidiana dos existentes. O Jardim Amanda é um bairro periférico (localizado nos limites do município de Hortolândia, já em conturbação com os municípios vizinhos de Campinas e Monte Mor), formado nos anos 1990 e composto substancialmente por uma população migrante de outras regiões do país, em sua maioria, e também de outras regiões do estado. Em vista disso, a condição de migrantes marca o bairro, sendo um de seus traços essenciais.

Outra característica marcante se refere à experiência de viver num bairro que tem dimensões de cidade. Com mais de 50 mil habitantes (segundo o Censo 2010), viver no bairro é uma experiência específica no tecido metropolitano: fragmentado e denso ao mesmo tempo.

À primeira questão, a fragmentação se dá em três escalas, que se articulam: do município e da região, pois constituiu-se separado do centro urbano de Hortolândia, e na área limítrofe dos municípios, segregado espacialmente; e internamente, já que pela dimensão, as características tradicionais de bairros, com a formação de laços de confiança e vizinhança, conhecimento mútuo baseados no convívio e no sentido de comunidade (LEE, 1968; JACOBS, 2007) não se estabelece para o bairro como um todo. Estas se constituem em territorialidades menores, em fragmentos orientados por laços familiares e pelas redes migratórias, origem migratória. Ou seja, há heterogeneidades espaciais significativas no bairro, que criam microcosmos de segurança, ao mesmo tempo em que produzem, no seu reverso, espaços topofóbicos e de insegurança.

Gonçalves (1988), refletindo sobre os bairros urbanos como lugares de práticas sociais, aponta que o binômio heterogeneidade-homogeneidade social é uma constante na pre-ocupação dos urbanistas e sociólogos urbanos, sem que haja um consenso sobre os benefícios e malefícios de um ou outro.

No caso do Jardim Amanda, o viver em um bairro onde seus limites urbanos se perdem de vista sobre o horizonte é talvez a expressão máxima de uma experiência fragmentada da vida na metrópole. Essa fragmentação se dá por excesso de tamanho e densidade desse espaço urbano. É como se o fato de se viver em um bairro pouco conhecido rompesse com a ideia pragmática de comunidade, enquanto fonte de acolhimento e segurança (BAUMAN, 2003), e propusesse outras formas existenciais de vivê-lo.

Mas não é apenas o tamanho desse bairro que lhe confere peculiaridade. O próprio processo de sua constituição lhe traz as marcas mais profundas de desigualdades, inerentes a maneira pela qual a produção e expansão de áreas urbanas têm se dado nas últimas décadas no Brasil.

O município de Hortolândia, entre os 19 que compõe a RMC, apresenta baixos índices de desenvolvimento social, precárias condições de assentamento e condições de vida (PIRES, 2007; SOBREIRA; CUNHA, 2007). Dentre todos os bairros da cidade, o Jardim Amanda talvez seja o mais estigmatizado quanto à concepção de "cidade-dormitório", pois suas relações, em termos de mobilidade e acessibilidade são mais expressivas quando analisamos os dados de pendularidade em relação ao centro metropolitano da RMC.

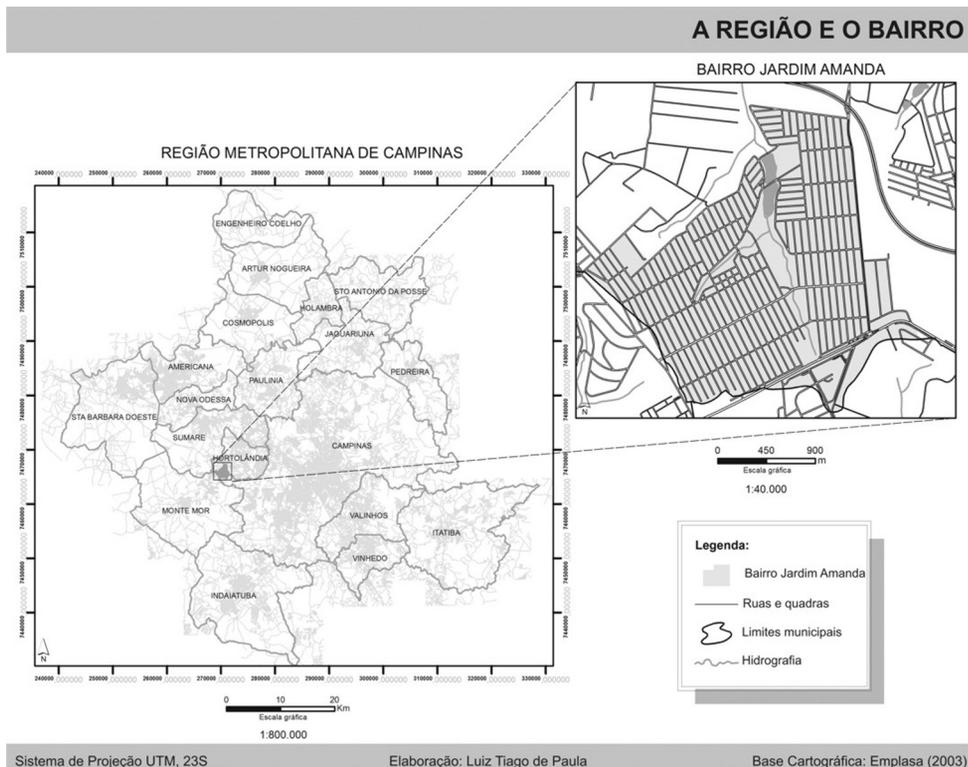
Dados da pesquisa Origem-Destino (EMPLASA, 2003) revelam que 69% de pessoas (equivalente a 9.108 indivíduos) que faziam movimentos pendulares para outros municípios tinham seu destino para Campinas. E mais de 62% das viagens desse equivalente eram por motivos relacionados ao trabalho ou estudo.

Isso implica em afirmar que, em termos de experiência, habitar o Jardim Amanda não significa necessariamente ser exclusivamente morador de Hortolândia e compartilhar de recursos e dificuldades somente relacionados a este município, mas também compor parte da vida social, econômica e cultural de Campinas, entre outros municípios que estes moradores travam relações.

Sua localização, como já destacado, é às margens da rodovia SP-101, que divide e dá acesso a Campinas e Monte Mor, conurbando-se com bairros periféricos destes municípios (Figura 1).

Simbólico, portanto, destas relações metropolitanas a partir dos deslocamentos, os habitantes do bairro vivem plenamente as questões referentes à mobilidade e aos riscos envolvidos a ela (BARTLING, 2006; ORFEUL, 2008a; b). Como se trata de um bairro com menos de 30 anos de consolidação, precisamos lembrar que há apenas uma geração de jovens que nasceram nele, vivenciando ainda a dimensão migratória enquanto mediadora fundamental de sua relação com a região metropolitana. Esse dado é fundamental para entender a importância da noção de Espaços de Vida e como esta se relaciona com a configuração dos riscos metropolitanos e aos perigos que tangenciam a mobilidade.

A mobilidade, como principal traço da vida nas metrópoles contemporâneas (ORFEUL, 2008b; ASCHER, 2009), se revela como possibilidade (LÉVY, 2001), na medida em que tecnologias e sistemas permitem grandes deslocamentos em cada vez menos tempo, acesso a transporte individual combinado com ampliação da infra-estrutura viária, flexibilização do mercado de trabalho e aumento do consumo e do comércio. Esses elementos difundem o estilo de vida metropolitano às áreas e bairros cada vez maiores, que colocam a mobilidade ao mesmo tempo como motivador e viabilizador da dispersão urbana (GUTIÉRREZ PUEBLA; GARCÍA PALOMARES, 2005; ARRAIS, 2006; REIS, 2006; OJIMA, 2009).



**Figura 1 - O Jardim Amanda na Região Metropolitana de Campinas**

Mas a mobilidade é muito mais complexa do que a análise dos fluxos, pendulares ou não. Enquanto fenômeno, ela envolve tanto o processo social que leva à necessidade de deslocamentos, a estrutura física e as corporeidades (CRESSWELL, 2006; KELERMANN, 2006), sendo entendida como onipresente na vida social contemporânea (BECKMANN, 2006). Urry (2002; 2007) mostra como o sentido da viagem, ligado à mobilidade, ainda hoje é expressão da necessidade de proximidade física, o que contraria as tendências de análise da mobilidade que a "virtualizam" em demasia. Isso aponta para a necessidade de estudos empíricos que analisem situações concretas de mobilidade e os riscos tal como são experienciados, ainda preliminares e pouco difundidos (GUSTAFSON, 2009).

Portanto, como pensar para além da dimensão da acessibilidade (PEREIRA, 2007) ou de transportes (VASCONCELOS, 2000; 2001), incorporando a dimensão do pertencimento relacionado aos lugares e ao território, tão arraigados à ideia de vulnerabilidade existencial (GUSTAFSON, 2009)? Quais seriam as implicações que esse estilo "móvel" de se viver reverberariam nas construções de nossos lugares de pertencimento na metrópole? Para isso lançamos mão da noção de espaço de vida para levantamento empírico de narrativas e experiências metropolitanas e suas respectivas territorialidades.

## OPERACIONALIZANDO A NOÇÃO DE ESPAÇO DE VIDA<sup>3</sup>

Espaço de vida refere-se ao espaço objetivo, concreto onde a pessoa desenvolve seu cotidiano. Ele já foi tratado como componente subjetivo do espaço social por Lewin (1951, apud BUTTIMER, 1980) e aplicado posteriormente de forma mais ampla na geografia do espaço vivido de Armand Frémont, na década de 1970. A noção foi amplamente difundida na demografia francesa, primeiro por Daniel Courgeau, em seu empenho de ultrapassar o lugar comum nas investigações sobre mobilidade, buscando formas de mensurar todo o deslocamento que grupos demográficos executavam, deslocando a análise da simples equação origem-destino (COURGEAU, 1988, 1990).

Mantemos a noção de espaço de vida estritamente objetiva enquanto incorporamos, por outro lado, uma dimensão qualitativa, procurando hierarquizar os lugares a partir da experiência do próprio indivíduo (FRÉMONT, 1976). Isso nos permite articular a experiência com a morfologia urbana. Para isso, utilizamos de forma combinada um mapeamento de todos os lugares e trajetos que compõem todos os deslocamentos e envolvimento da pessoa, com metodologias qualitativas como a história de vida e a entrevista não-diretiva, além da arqueologia fenomenológica (método de busca das essências), enquanto pressuposto teórico-metodológico para leitura e análise das biografias (MARANDOLA JR., 2005).

Esta proposta parte da abordagem fenomenológica em geografia, em diálogo com elementos da antropologia urbana e a sociologia fenomenológica (ou compreensiva) do mundo da vida (BERGER, 1963; SCHUTZ; LUCKMANN, 1973; BERGER; LUCKMANN, 1994). Em busca das experiências pessoais, a perspectiva prioriza os significados e implicações socialmente constituídas e culturalmente significados, em sua indissociabilidade com o lugar e o território. Esta tradição incorpora a existência humana às análises acadêmicas, procurando complexificar a realidade em foco com a perspectiva oblíqua da realidade (BUTTIMER, 1982; PICKLES, 1985; BELLAVANCE, 1999).

A partir deste marco teórico, utilizamos algumas categorias consagradas na Geografia, na Antropologia e na Sociologia, utilizadas de forma mais ou menos aproximada em uma ou na outra.

**Lugar:** é a menor célula espacial onde se estabelece a relação orgânica homem-meio, tal como a casa, o bairro, a vizinhança. Possui gradações de envolvimento, não sendo monolítico (BUTTIMER, 1980). É a "pausa no movimento", como diz Tuan (1983, p.153), pois é quando o homem demora-se (HEIDEGGER, 2001a), permitindo assim o envolvimento. Pode ter diversos tamanhos, mas mantém-se em geral na escala do corpo, ou seja, é construído na experiência imediata (HOLZER, 1999; 2003). Quando não faz mais parte da experiência imediata (da corporeidade), se torna um **lugar da memória**, constituinte da existência, mas não mais presente fisicamente no espaço de vida.

**Território:** adotado a partir de uma leitura culturalista, é entendido como o conjunto articulado de lugares e itinerários sobre os quais exercemos algum tipo de domínio, como, por exemplo, o conhecimento e a segurança existencial (BONNAMEISON, 2002; MARANDOLA JR., 2008a, b; DE PAULA, 2010). Na aplicação dos espaços de vida, diferenciamos o território do **território-casa**, no sentido de diferenciar seus usos e as referências sobre as quais o último está estabelecido: ele confere os lugares que estão intimamente relacionados ao lar e, por excelência, à manutenção da vida diária no bairro.

**Mundo circundante** (*Umwelt*): utilizamos esta noção a partir da leitura de Giddens (2002, p.120) que aplica o conceito de Goffman ao contexto da Sociedade de Risco (BECK, 1992). Este seria "um núcleo de normalidade (realizada) com que os indivíduos e os grupos se cercam." O mundo circundante tem, portanto, uma função de proteção, proveniente do

<sup>3</sup> Uma perspectiva mais detalhada do desenvolvimento da metodologia encontra-se em Marandola Jr. (2008a).

hábito e do costume estabelecidos por porções indeterminadas do tempo e do espaço (MARANDOLA JR., 2012). Agrega-se ao **casulo protetor** formado pelas relações sociais e espaciais mais elementares, proporcionando segurança e identidade.

**Habitar**: noção trabalhada a partir da fenomenologia existencialista de Heidegger (2001a, 2001b), que traz o sentido do próprio modo do homem ser e estar no mundo. Longe de indicar a habitação, revela a essência dos modos próprios da vida do homem. Abrange desde as funções primeiras de espacializar e socializar, até as escolhas dos modos de vida e a experiência. É uma noção chave que permite incorporar toda a dimensão da biografia da pessoa (incluindo o espaço de vida, o lugar, o território, o mundo circundante e o casulo protetor) em uma só, expressando uma forma própria de ser e estar na metrópole (MARANDOLA JR., 2008a).

O **habitar demorado** é daqueles que são estabelecidos no lugar, que demoram-se nele, enquanto o **habitar desenraizado** é daqueles que não estabeleceram vínculos de longo prazo, sem forte inserção no sistema do lugar (MARANDOLA JR., 2008c).

Como as histórias de vida estão vinculadas ao próprio espaço de vida (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 1988), procuramos através de entrevistas com os migrantes do Jardim Amanda, reconstituir sua história de vida mapeando numa base cartográfica regional o seu espaço de vida. A reconstituição envolve a pontuação de todos os lugares e trajetos componentes do espaço de vida. Adicionalmente, procuramos qualificar esta informação cartografada, através da revelação da própria pessoa do seu envolvimento com os lugares, os hábitos e os costumes, bem como os medos, insegurança e angústia referentes a certos lugares ou situações. Os "comos" são enfatizados em relação aos "por quês", priorizando a descrição do espaço e da história de vida enquanto portadores de significado.

Cada conversante foi entrevistado em duas etapas distintas. A primeira parte, customizada sobre as primeiras entrevistas, consistia em abordar a trajetória migratória e biográfica do indivíduo. Tratava-se de uma entrevista semi-estruturada que permitisse a construção de um quadro aprofundado sobre os eventos de cada etapa do ciclo vital e um quadro geral sobre os lugares e regiões frequentados nesses períodos.

A segunda parte era a confecção dos espaços de vida. Esta fase era objetiva e tentava operacionalizar e sistematizar os lugares e trajetos dos entrevistados, assim como qualificar cada lugar, de acordo com seus atributos, segundo seu uso – se esporádico ou cotidiano. As informações sobre a conversa biográfica, das primeiras entrevistas, eram incorporadas aos espaços de vida. No entanto, existia uma certa liberdade do conversante para indicar no mapa quais eram os lugares de seu espaço de vida.

Eram apresentadas duas cartas para o conversante, uma representando as áreas do bairro e outra a área da região metropolitana. O próprio entrevistado tinha a liberdade de escolha para atribuir todos os elementos já padronizados. Quando havia dificuldade em localizar alguns lugares ou trajetos, contavam com o auxílio do pesquisador para se orientar.

Os resultados são descrições de diferentes formas de habitar que compõem o mosaico de fragmentos holográficos que em sua projeção dão forma à metrópole. Estes parecem variar ao infinito, mas não há o intuito de esgotá-los. Antes, a descrição e investigação de alguns deles já nos fornecem elementos essenciais para pensar como se desenham padrões de mobilidade e os mecanismos de proteção e risco que concorrem na delimitação da vulnerabilidade das populações e seus lugares.

## A VELHICE DE UMA MIGRANTE DESENRAIZADA

Migrar é mudar, é rompimento, ruptura desconcertante. Mesmo que a modernidade atual seja chamada de líquida (BAUMAN, 2001; 2008), e haja prevalência das descontinuidades frente às permanências, o ato de migrar ainda se revela, em certos casos, um trauma para o

indivíduo ou grupo (VIANA, 1978). Envolve deixar seu lugar primevo, a segurança do casulo protetor onde estão as referências espaciais e sociais que são construídas ao longo de uma vida, ou fase dela, obrigando a reconstrução de laços de proteção no novo lugar, ao mesmo tempo em que se procura manter as conexões primárias (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010).

O caso de Neusa<sup>4</sup> (74 anos), uma antiga moradora do Jardim Amanda, se fez dessa forma, quando em 1982 deixou sua terra natal, Campina Grande, Estado da Paraíba.

Na companhia do marido e da filha, trabalhou e morou durante dois anos em Bauru, interior de São Paulo, antes de chegar à RMC. Esta cidade era muito “cara” para se viver e ruim para se trabalhar, segundo Neusa. Enquanto trabalhava em uma empresa de serviços de limpeza, o cômputo – construtor de obras em construção civil – passava por sérios problemas de saúde, cujo tratamento apenas poderia ser feito no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas.

Essa passagem permite entendermos o primeiro elo de vulnerabilidade e de uma condição peculiarmente migrante da família de Neusa. Apesar de morarem em Bauru, a família era obrigada a fazer longas viagens para Campinas em períodos regulares para dar continuidade ao tratamento do marido. Nas falas de Neusa, Bauru era um lugar onde se confluíam problemas relacionados às condições de vida, envolvendo os altos valores do aluguel da casa, das compras mensais em supermercados, das tarifas de transporte público e a difícil tarefa de se encontrar um melhor emprego. Entre outras dificuldades, tudo isso tornava ainda mais Bauru um lugar de “repulsão”. Campinas, que já era vista pela família como uma cidade com mais oportunidades de emprego, tanto para Neusa quanto para seu marido, ainda contava com o Hospital das Clínicas que representava um recurso de mitigação aos riscos relacionados às possíveis necessidades de uso do sistema de saúde público e gratuito. Em poucas palavras, havia a impressão de que grande parte dos problemas da família estaria resolvida, na medida em que se mudariam para uma “cidade grande” – sinônimo de oportunidades na concepção de Neusa – onde o marido poderia se tratar com mais tranquilidade, sem precisar fazer a família grandes deslocamentos.

Campinas era uma cidade bonita, a cidade das andorinhas [...] Bauru era muito ruim, e Zé já não estava bom para gente continuarmos lá. Minha filha era pequena e ainda não estava na escola. E lá a gente pagava aluguel e aqui, não.

A chegada de Neusa à RMC, no ano de 1984, acontece quando o processo de loteamento de terrenos se inicia para formar o bairro Jardim Amanda em Hortolândia. Com preços populares, essa vasta área de lotes atraiu a chegada de migrantes de diferentes cidades do Estado de São Paulo e fora dele que viam a oportunidade de fixar residência em Hortolândia e trabalhar e estudar em Campinas. Este dado é revelado na fala de Neusa, uma vez que a sua chegada ao Jardim Amanda simbolizava, como ela mesmo disse, estar em Campinas e não em Hortolândia.

Com o novo lugar, surgiram novos riscos e a necessidade de se pensar novas estratégias para enfrentá-los. A família de Neusa é a quarta a instalar residência no bairro Jardim Amanda. Seu contexto geográfico ainda era caracterizado pela lenta chegada de serviços urbanos básicos como o abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, rede elétrica, pavimentação das ruas e avenidas e a presença eficiente transporte coletivo público.

A mobilidade entre Campinas e Hortolândia, no final da década de 1980 e início de 1990, em termos institucionais ainda era almejada como um futuro projeto entre os órgãos e gestores públicos. O Jardim Amanda como uma periferia que já desenhava suas grandes

<sup>4</sup> Os nomes dos conversantes foram trocados por motivos de sigilo pessoal.

dimensões populacionais ainda estava de fora de fatia desse projeto. Não havia muitos terminais rodoviários intermunicipais, nem mesmo a RMC era institucionalizada (somente em Junho de 2000 é criada por lei complementar estadual). Isso criou a primeira desilusão de Neusa quanto às facilidades de se morar relativamente próximo à Campinas. A acessibilidade aos recursos e serviços espalhados sobre região metropolitana ainda era limitada, restava-lhe, então, enfrentar ainda, junto à família, os problemas locais do bairro.

A casa da família foi construída pelo marido e cunhado (que viajou da capital, São Paulo, para ajudar). Os serviços de abastecimento de água e energia elétrica chegara aos poucos, ao longo da década de 1990.

Onde eram pequenas chácaras ou limites de fazendas passaram a ser avenidas com relativa diversidade comercial. A chegada de mais migrantes, ao mesmo tempo, que agravava riscos inerentes aos clássicos "bolsões" de bairros das franjas do tecido urbano sem a devida infra-estrutura, trazia também diversidade e obrigava membros responsáveis pela gestão pública a olharem com mais cuidado à evolução do bairro. Surgiram ferramentas do estado como os CRAS (Centros de Referência de Assistência Social), postos de saúde, escolas e creches.

A vulnerabilidade do lugar, nesse sentido, se combina em alguns pontos com a etapa do ciclo vital dos membros da família de Neusa, repercutindo novas estratégias de enfrentamento e configurações de riscos, assim como irá repercutir também na morfologia do espaço de vida de Neusa.

Como marco, no ano de 1994, a morte do marido obriga Neusa e a filha trabalharem em Campinas e terem que fazer viagens pendulares todos os dias para o centro metropolitano, por meio da Rodovia SP-101, popularmente chamada como Estrada Campinas-Monte Mor, também conhecida e lembrada pelos inúmeros acidentes envolvendo veículos e pedestres devido às más condições de sinalização e pavimentação. Todos esses acontecimentos são somados à avançada idade de Neusa que já estava com pouco mais de 63 anos idade.

O estágio do ciclo vital de Neusa pode elucidar muito seu espaço de vida na RMC quanto a sua morfologia. Sua trajetória migratória e biográfica na RMC pode ser subdividida em três fases: a chegada da família na década de 1980; a estabilização dos lugares e sistemas de referências sociais na década de 1990 e, por último, o repouso da velhice no início dos anos 2000.

A chegada da família consiste no primeiro elo de vulnerabilidade do grupo no novo lugar: ao contrário do que recorrentemente acontece no ato de migrar, a família, sem muitos recursos financeiros, não tinha uma rede de parentes ou amigos estabelecidos na região com quem pudesse contar. O lugar Jardim Amanda era um espaço de profundas carências sociais, na década de 1980, e ainda não contava com a mobilidade metropolitana tão almejada pelos migrantes que ali chegavam.

Ao longo da década de 1990 (período de estabilização dos lugares e sistemas de referências sociais), Neusa era uma das moradoras mais antigas do bairro o que transformava este bairro em seu território (Figura 2), conferindo-lhe sensação de segurança e proteção. Mesmo tendo que fazer viagens diárias para Campinas, a deixar a casa por longas horas sozinha, o Jardim Amanda não representava uma mera "cidade-dormitório", pois as relações de vizinhança e os laços de amizade estabelecidos forneciam sentimento de pertencimento e identidade ao lugar.

No início dos anos 2000, Neusa já está com sua idade avançada e aposenta também por motivos de saúde. É neste período que acontece o recuo de seu território e lugares de referência (serviços, lazer, encontros, entre outros) para se tornarem lugares da memória na RMC. Sua locomoção pela região metropolitana se torna limitada devido aos problemas de saúde. O reverso dessa "imobilidade" espacial, mais apropriada como um repouso da velhice, é o enraizamento com o lugar, junto a chegada de serviços públicos que diminuem a necessidade das viagens pendulares e torna o habitar mais demorado no bairro.

Hoje, todos os trajetos que extrapolam a escala do bairro são esporádicos, seja para receber seu salário-aposentadoria uma vez ao mês no centro da cidade de Hortolândia ou para ir ao centro de Campinas em busca de algum serviço.

Hoje tenho tudo aqui, filho. Não preciso ir tanto mais para Campinas. Olha só, mora minha filha, eu e meu neto. Tudo que a gente precisa tem aqui. O menino já está rapaz e estuda aqui em cima na escola da Avenida [...]

O único trajeto de Neusa que se estende para além da cidade de Campinas e Hortolândia se dá pela Rodovia Anhanguera com destino à cidade de São Paulo, onde Neusa ainda tem alguns familiares como o cunhado e o sobrinho. Mas alega quase não ir visitá-los mais.

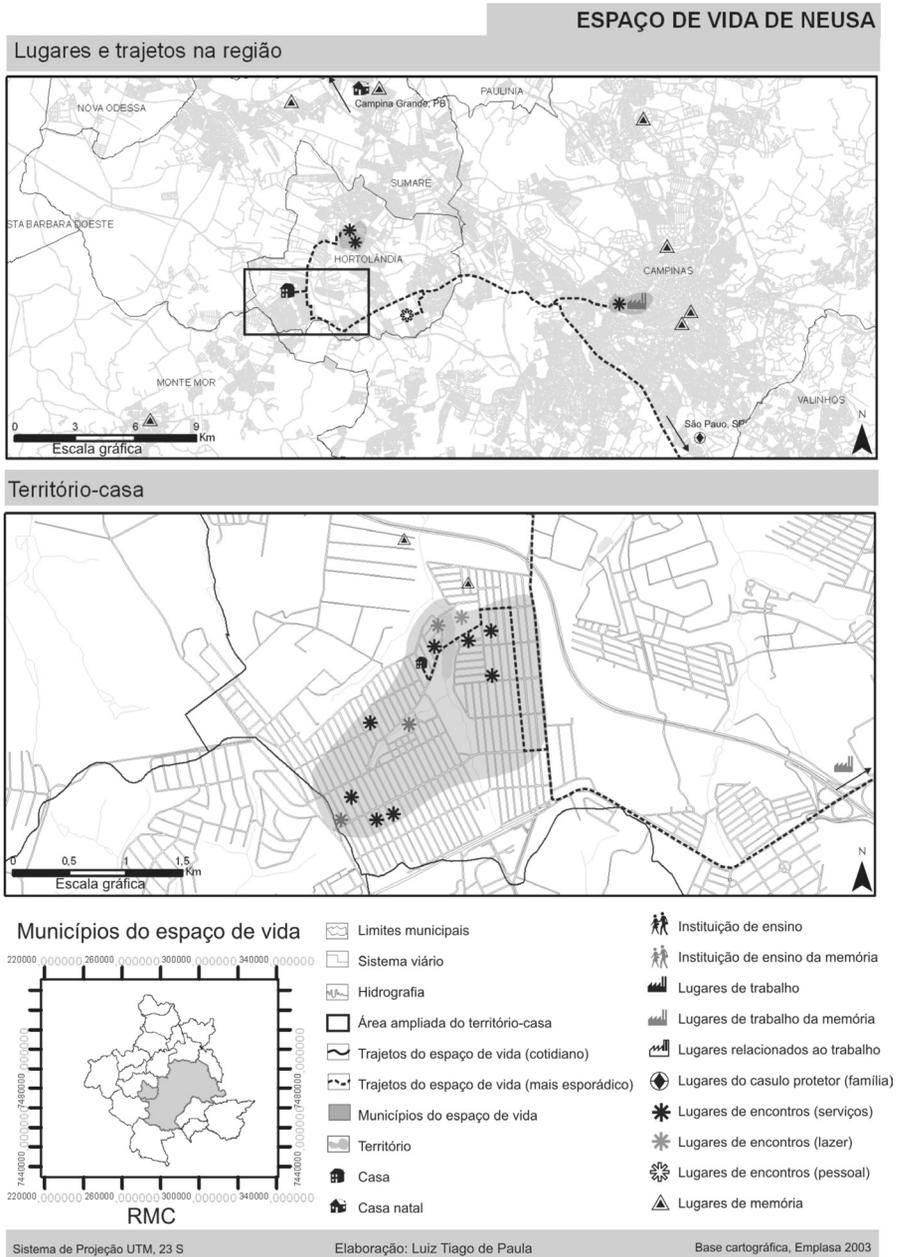
Esse é outro elemento a ser contabilizado nesse movimento de recuo dos espaços de vida e vulnerabilidade existencial do migrante: a velhice de Neusa implica não apenas na diminuição da mobilidade espacial, mas também no retrocesso de parte de seu ciclo social ativo.

Embora chamemos Neusa, no título deste item, de "migrante desenraizada", é difícil considerá-la assim. Sua casa foi uma das primeiras a ser construída no bairro e, por conta disso, é uma das moradoras mais antigas do lugar, conhecendo-o muito e as pessoas que habitam nele. Isso permitiu que Neusa apropriasse grande parte do bairro como seu território pessoal. Ela se tornou uma estabelecida, tal como denominado por Elias (1997), ao menos na escala do bairro.

Em termos metropolitanos, talvez ela permaneça como uma desenraizada, já que a pendularidade ocorria entre dois pontos muito definidos, Jardim Amanda e centro de Campinas, tendo apenas Campinas e Hortolândia como municípios de seu espaço de vida (Figura 2).

A fragmentação da experiência metropolitana se dá em parte pela rigidez dos trajetos de Neusa, explicado pelo uso do sistema de transporte coletivo público, o qual intensifica o "efeito túnel", por definir os trajetos de ponto-a-ponto sem possibilidades de variações, deixando grandes espaços da região, afetivamente, "vazios" – lugares intermediários que ficam sobre o caminho e que perdem a sua importância. O resultado disso é o espalhamento pontual dos lugares de memória sobre o tecido metropolitano repleto de descontinuidades.

O contrário disso se dá em seu território-casa, onde os lugares de encontros sustentam a base de seu território e os trajetos estão pelas proximidades da casa e, na maioria das vezes, estes são feitos a pé. As longas horas de viagens pendulares e os riscos oferecidos por elas ficaram nas lembranças, restando-lhe a tranquilidade de um habitar finalmente enraizado.



**Figura 2 - Espaço de vida de Neusa<sup>5</sup>**

<sup>5</sup> Os dados para os espaços de vida foram construídos em trabalhos de campo junto aos moradores do bairro, ao longo do ano de 2010.

## VULNERABILIDADE DO MIGRAR E AS REDES SOCIAIS

O processo de migração tem sido tradicionalmente, ao menos aos estudos clássicos da demografia (BRETTELL; HOLLIFIELD, 2008; LEE; 1980), um processo que envolve variáveis econômicas a compor sempre locais de expulsão e atração, ou ainda, fluxos e refluxos de população. Todavia, quando olhamos para o mesmo **processo** e tentamos identificar, dentro de uma escala mais detalhada, a **ação** ou as **motivações** de um migrar (CUNHA et al., 2007), percebemos que há um problema "empírico", as **redes sociais**, que nem sempre têm a legitimidade de uma observação científica (FAZITO, 2002).

Entre outras, essas redes sociais consistem em redes pessoais e familiares, que estão fortemente atreladas às redes espaciais, que são configuradas pelos sistemas de lugares que os grupos de migrantes frequentam (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). Essas relações fazem parte fundamental do processo de enraizamento tanto do grupo quanto do indivíduo, ao permitir que lugares sejam carregados de significados se tornando, potencialmente, fonte de segurança (GUSTAFSON, 2009).

A trajetória migratória de Joana (56 anos) e seu respectivo espaço de vida apresentam novos elementos, em relação ao espaço de vida de Neusa. Um deles é a presença das redes sociais no lugar de destino, permitindo a apropriação de lugares e novas estratégias de respostas aos riscos.

Joana chegou ao Jardim Amanda no ano de 1991, com a família – marido e seus quatro filhos, sendo o mais velho de 14 anos de idade e o mais novo de quatro. Ela e família vieram de Londrina, região norte do Estado do Paraná. O principal motivo para a mudança da família fora a procura por emprego. Seu marido, que trabalha até hoje com construção civil, já não encontrava muitos serviços na cidade de origem. No entanto, a mudança da família já era prescrita uma vez que muitos parentes de Joana (seus pais e mais 4 irmãos) haviam se mudado para Campinas e outras cidades da região. Três de suas irmãs vieram morar no próprio bairro Jardim Amanda.

A migração representou uma manutenção da proximidade ao casulo protetor, a re-espacialização de sua rede social reforçou a decisão da mudança, o que reflete na morfologia de seu espaço de vida (os lugares do mundo circundante) e reverbera na maneira de como Joana descobre e se apropria dos lugares na RMC.

Ao manter fortes vínculos com parentes, espalhados na RMC, Joana foi capaz de estabelecer uma rede de solidariedade entre os domicílios da família (BILAC, 2006), ampliando seu leque de possibilidades, contando com um conjunto de apoio sólido ao longo de sua trajetória. As dificuldades enfrentadas pela família, no começo da década de 1990, se assemelham aos problemas que Neusa enfrentou, vulnerabilidades intrínsecas ao lugar.

A primeira casa foi alugada, uma pequena instalação no quintal dos fundos, onde passariam seis meses até acumular dinheiro necessário para comprar um terreno e começar a construção da própria residência e se eximirem do pagamento do aluguel.

A escolha do lugar onde seria a nova casa e sua construção foi feita com a ajuda dos familiares. Joana acrescenta as vantagens de ter tido a ajuda de seus parentes

[...] na hora de comprar o material de construção, meu cunhado era colega de um dos dois donos [...] Ele ergueu a casa dele e também comprou tudo lá. Sabe? E aí, a gente conseguia negociar os preços, porque mesmo naquela época, o material já era caro, você acredita? [...] ainda mais em Hortolândia que já estava fazendo um monte de bairro por aí [...]

Se por um lado as redes sociais dessa migrante ajudavam no processo de fixar residência no lugar, por outro lado, a intensidade do próprio processo de migração que passava o Jardim Amanda, ainda na primeira metade da década de 1990, expunha o grupo familiar a outros perigos como a violência.

Quase todos os dias chegavam pessoas de diferentes lugares. Isto gerava dúvidas e insegurança por não se saber com quem se estava compartilhando o bairro. A chegada de novas pessoas todos os dias sempre oferecia mais um perigo: o medo do outro, do desconhecido, do diferente (GOFFMAN, 1982; TUAN, 2005). Joana enfatiza que viam muitos homens solteiros em busca de empregos nas empresas que abriam pela cidade de Hortolândia e Sumaré, sendo que muitos deles eram responsáveis pelas "badernas". Ela havia de ficar cuidando dos filhos que, na medida do possível, ainda tinham certa liberdade para brincarem na rua.

Os riscos associados às ausências de infraestruturas, problemas como a falta de água ou energia elétrica eram difíceis de serem resolvidos, porém faziam parte do próprio cotidiano do lugar. Quando faltava água na rede de abastecimento, eram comuns os deslocamentos pelo bairro à busca de poços artesianos nas chácaras vizinhas. Isso permitia fazer as atividades básicas que exigissem água, como cozinhar e lavar.

Outro exemplo são as redes clandestinas de energia elétrica, popularmente conhecidas como "gatos", que eram normalmente divididas com os vizinhos e que juntos se responsabilizavam por alguns reparos de manutenção, quando possível. As ruas de terra que eram erodidas pela ação das chuvas, tinham seus buracos tapados por cascalhos e restos de materiais de construção que eram utilizados – havia grande quantidade desses materiais por causa da enorme quantidade de casas que estavam sendo construídas.

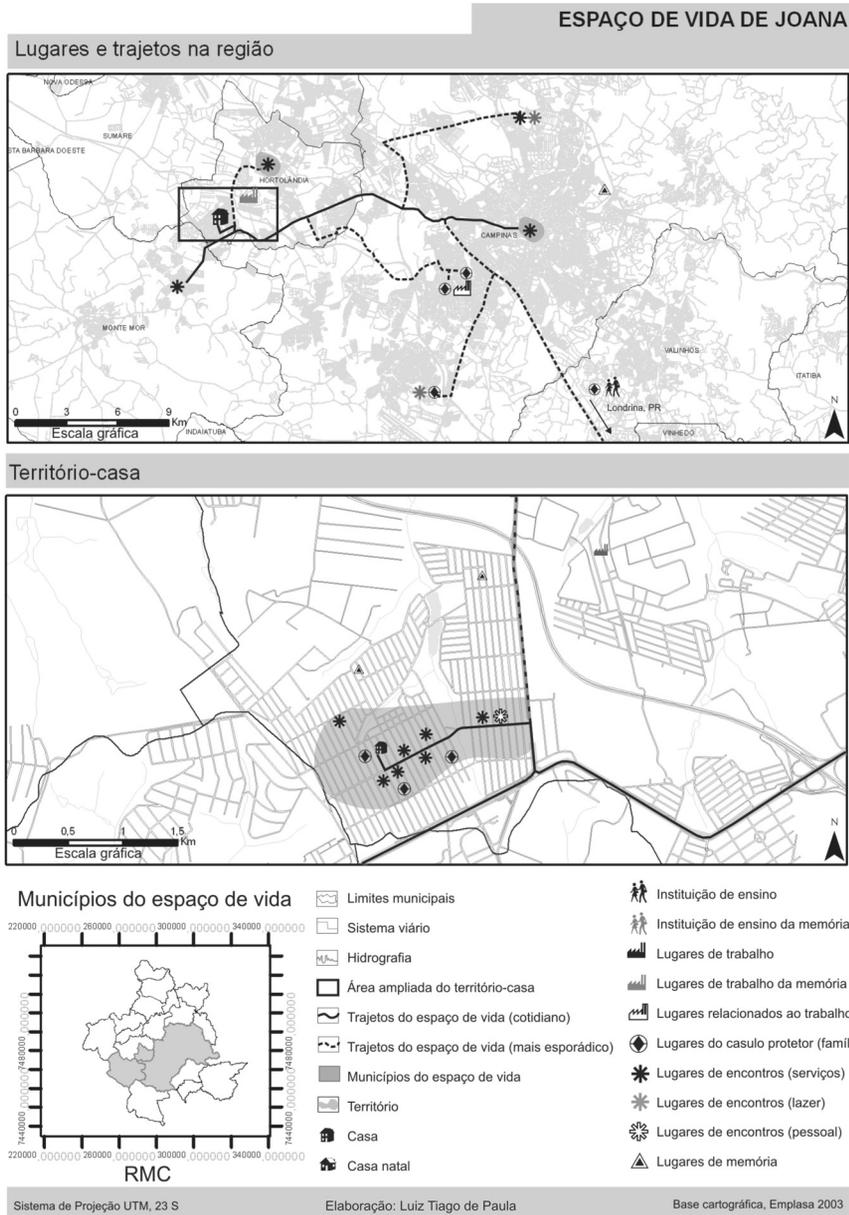
Hoje, sua casa está, estrategicamente, cercada pelos seus casulos protetores (Figura 3), as casas de suas irmãs e cunhados. Esses quadros de colaborações entre amigos e familiares de Joana fez com que o Jardim Amanda passasse de um lugar perigoso a um lugar de pertencimento e tranquilidade (BOURDIN, 2001; BAUMAN, 2003). Esse sentimento de segurança e a presença de familiares em Campinas permitiram que a migrante desfrutasse não apenas de seu território-casa (Joana mora em uma das áreas mais consolidadas do bairro Jardim Amanda, próximo a principal avenida comercial do bairro, o que justifica muito a localização de seus lugares de serviços), mas também de lugares em Campinas (Figura 3)

A evolução e melhoria urbana do bairro faz com que Joana demonstre certa satisfação em enumerar a presença de alguns serviços como "um banco, três supermercados, faculdade, escola de inglês, dois postos de saúde aqui pertinho de casa [...]". Essas mudanças colocaram o bairro em outro contexto quanto à mobilidade metropolitana. Se antes os deslocamentos eram uma obrigação, hoje eles podem ser também entendidos como uma escolha.

A condição migrante de Joana, que agrega elementos como o fato de os filhos trabalharem em outras cidades, os familiares residirem fora também, ainda pode explicitar muito sobre a morfologia de seu espaço de vida.

Mesmo com as mudanças ocorridas no bairro, a busca por alguns serviços e lazer ainda são submetidos ao centro metropolitano, como centros de compras, loja de tecidos e retalhos (lugares relacionados ao trabalho).

O espaço de vida de Joana é estruturado por um eixo que conecta as três cidades, Campinas, Hortolândia e Monte Mor (Figura 3). Esse caminho é a rodovia SP-101, que configura uma topologia de território esgarçado na região metropolitana. Seus territórios estão polarizados nos centros de Campinas e Monte Mor, além do bairro que é seu espaço de habitar demorado, por excelência.



**Figura 3 - Espaço de vida de Joana**

Suas viagens para o centro da cidade de Campinas são intensas, quase diárias. Joana prefere fazer compras lá devido à diversidade e preços de alguns serviços e produtos. Conta constantemente com a carona do filho que faz esse deslocamento todos os dias, pois

trabalha em Campinas. Joana conhece muito bem o centro, indica as ruas, avenidas e praças por nomes. As outras áreas de Campinas, onde também possui territórios, em direção ao bairros, dizem respeito à casa de parentes. Estes pequenos territórios são muito pequenos em relação ao seu território-casa, pois mesmo que haja a presença de casulos protetores, estão reduzidos à escala da casa (domicílio) desses familiares, onde o entorno (o bairro) não promove segurança.

O trajeto que se estende a oeste, para cidade de Monte Mor, representa a ida, pelo menos duas vezes por semana, de Joana para um grande supermercado que atende regionalmente aquela área. Construído na rodovia para atender uma grande área regional que extrapola os limites municipais, este supermercado marca as relações metropolitanas do bairro Jardim Amanda com a cidade de Monte Mor, intensificando a necessidade de mobilidade.

Se compararmos o espaço de vida de Joana e Neusa, notamos que o território-casa da primeira é menor. Uma contradição que se revela quando notamos que apesar de Joana ter mais mobilidade na região metropolitana, seu território-casa é reduzido em relação à idosa Neusa. Joana possui lugares de lazer em Campinas, por exemplo, mas não possui em seu próprio bairro. Isso reflete diferentes maneiras de se habitar a metrópole contemporânea.

O espaço de vida de Joana, sob um olhar inicial, parece ser funcional, com poucos lugares de memória e mais lugares de serviço e encontros com a família (casulo protetor). Essa condição é própria do migrante: mesmo que parte de sua família, como suas irmãs e pais, tenham chegado antes na região, quase todos estão no mesmo estágio de enraizamento, quanto ao número de gerações nascidas e estabelecidas na RMC. Ou seja, muitos daqueles lugares compartilhados pela memória da família estão ainda no Paraná, em Londrina.

O terceiro espaço de vida analisado vem a elucidar bem outras questões sobre essa condição transitória de enraizamento entre migrante e estabelecido.

## **UM VIR-A-SER ESTABELECIDO: O JOVEM MIGRANTE**

Diego (24 anos) é filho de Joana, sua trajetória apresenta claramente a transição entre o migrante e o enraizado. Diego chegou ao Jardim Amanda quando ainda era uma criança de seis anos de idade. Suas relações topológicas não chegam a ser densas como as de um estabelecido, em que os lugares da memória do indivíduo se mesclam aos lugares da memória da família, constituindo territórios densificados a partir da experiência e memória coletiva. Mas também não são rarefeitos como o habitar desenraizado de alguém que acaba de se estabelecer na região (a primeira geração, os desenraizados).

Seu território-casa é bastante densificado por lugares da memória da infância, incluindo suas instituições de ensino, casas de amigos, campos de futebol (os campinhos) e as casas dos familiares. A infância se fez, então, como o primeiro passo para garantir as redes que Diego possui hoje, que vão além daquelas herdadas dos familiares.

Diego mora em uma casa alugada com sua família (a esposa e o filho), na mesma rua onde se localiza sua casa natal (pertencente aos pais), representada agora por um casulo protetor (Figura 4). Este processo lento de difusão do espaço de vida, onde as relações e os lugares da infância, geralmente, permanecem conservados, na medida em que outros são descobertos, é denominado de deslizamento por Corgeau (1988). É nesta etapa do ciclo vital, em geral, que o indivíduo se desprende gradativamente do território construído na infância, sendo a princípio uma estratégia de segurança e proteção do novo núcleo familiar.

Por trabalhar em uma concessionária de veículos, Diego é obrigado a fazer viagens diárias sobre diferentes cidades da RMC, o que tornou seu espaço de vida grande e esgarçado,

ao incorporar vários municípios dessa região (Figura 4). Alguns lugares da memória são herdados da memória coletiva da família – proporcionada pela chegada dos avôs e tios em Campinas, Hortolândia e Sumaré, na década de 1980. Esses elementos fizeram com que a vivência e a experiência com essa mobilidade líquida estivesse sempre presente na vida de Diego desde sua infância.

A área que Diego considera como seu território-casa, espaço de segurança e familiaridade, abarca praticamente toda a área do bairro. Ele diz conhecer todo o bairro desde criança, quando fazia longos trajetos a pé para ir jogar bola em algum campo de futebol ou ir à casa de amigos. A ausência de abastecimento de água no bairro apesar de ter sido um problema, representava sempre mais uma oportunidade de diversão aos garotos, quando subiam sobre os “caminhões-pipa” (responsáveis pelo abastecimento de água nas casas) e rodeavam o bairro durante a tarde toda.

Na adolescência, enquanto estudava nos períodos da manhã e em alguns anos durante a noite, trabalhou de empacotador em supermercados do bairro, “lava-rápidos” (lavador de automóveis). As relações de amizades no bairro se cruzaram em todos esses ambientes – escola, trabalho, rua de casa, etc. – pairando este clima de intimidade com o lugar até os dias de hoje.

A adolescência, portanto, é marcada pela sua permanência quase integral no bairro, durante os dias úteis de semana. Aos finais dela, muitos de seus deslocamentos pela RMC ainda eram acompanhados pela presença dos pais. Por isso, muito dos lugares de Diego são herdados de Joana (Figura 3, Figura 4) e se somam aos seus próprios.

O primeiro passo à exposição do risco de deslocamentos pendulares a Campinas veio apenas no início de sua juventude, aos 18 anos, quando passou a trabalhar na região central de Campinas, bairro Cambuí, como garçom. Após três anos passou a trabalhar em uma concessionária de auto-veículos, ponto crucial para o esgarçamento de seu espaço de vida.

O emprego de Diego exige que ele visite quase diariamente diferentes lojas concessionárias de carro que fazem parte da rede da empresa empregadora. Neste contexto, o jovem passou a conhecer amigos e lugares de Campinas e região, não apenas sob os movimentos pendulares de segunda à sexta-feira em horário expediente de serviço, mas também aos finais de semana quando procura lugares de lazer com a esposa e o filho.

Quase todos os trajetos de Diego atualmente são feitos de carro. Ele assume não dar muita importância pelos caminhos onde passa, assumindo sentir em algumas situações o “efeito túnel” em suas jornadas. Embora ele demonstre um conhecimento espacial significativo da região, ter mobilidade e autoridade no momento de desenhar seu mapa espaço de vida, quase toda a região metropolitana é potencialmente um lugar de perigo. Ele não se arrisca em parar em postos de combustíveis em determinadas rodovias (como a rodovia que mais utiliza, SP-101) e, durante a noite, evita ao máximo os semáforos, por receio de assaltos.

Diego afirma se sentir seguro apenas no momento em que sai da rodovia e adentra o bairro.

Quando estou aqui, posso parar o carro em qualquer lugar e deixar com os vidros abertos que não acontece nada. Tranquilo! Eu conheço tudo aqui. Antes era pior aqui. Mas hoje!? Hoje é [vixi!] tranquilo! Conheço todo mundo! Eu adoro esse lugar aqui. [...] Eu queria mesmo continuar morando aqui, mas as casas estão ficando caras, cara! Comprei um terreno aqui do lado em Monte Mor só para não sair de perto daqui.

Essa segurança quanto ao bairro e insegurança aos lugares externos a ele revela que apesar de seu espaço de vida ser constituído de vários municípios, estes não necessariamente são plenamente conhecidos o suficiente a ponto de lhe fornecer segurança. As próprias rodovias (em modelos de auto-pistas) permitem que ele se oriente mais pelas placas

de auto-indicação do que pela paisagem, familiar mas pouco conhecida. Sabe pouco sobre os nomes ou histórias dos bairros por onde passa, sendo sua experiência com a região metropolitana fragmentada e estruturada por locais específicos relacionados ao trabalho (Figura 4).

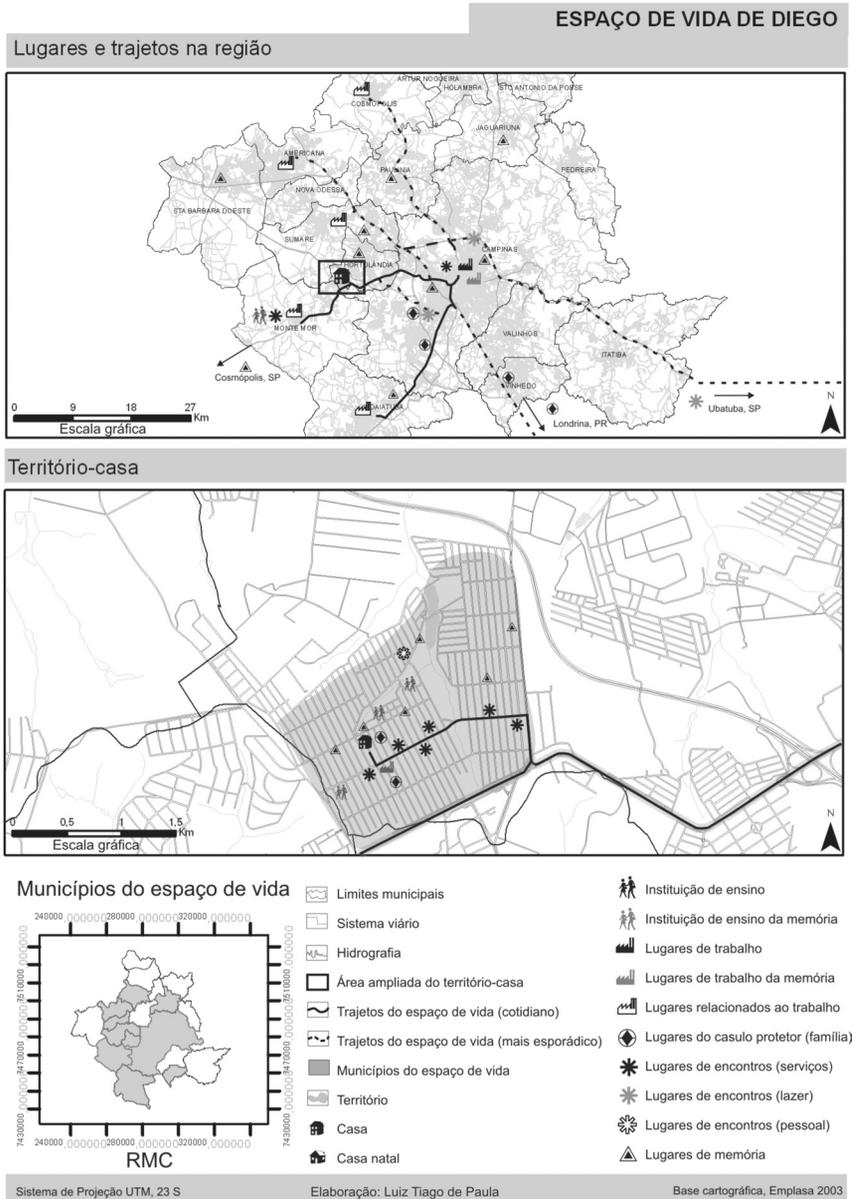


Figura 4 - Espaço de vida de Diego

Novamente, seria quase natural contrapormos o espaço de vida do jovem Diego ao espaço de vida da idosa Neusa, justificando, por um lado, a insegurança de um habitar desenraizado sobre a região metropolitana para a Neusa e, por outro, a destreza de um jovem habituado à aventura e aos deslocamentos diários. Porém, podemos desconstruir esta afirmativa: Diego apesar de ter o espaço de vida mais esgarçado, atribui a mesma importância ao lugar Jardim Amanda como fonte de proteção existencial do que Neusa. Não é por menos que ele escolheu permanecer no lugar (ao comprar um terreno próximo, em Monte Mor), onde estão condensadas suas relações de vizinhança e amizade.

Apesar da hipermobilidade e os longos períodos diários em deslocamento, ao observar o complexo espaço de vida de Diego, parece que há uma tendência em regiões metropolitanas em unir lugares (e excluir outros) através da mobilidade espacial e políticas de (des)integração metropolitana. A partir da mobilidade contemporânea, lugares são "refuncionalizados", onde poucos deles tentam unir serviços, lazer e moradia.

Se por um lado, a segmentação espacial dessas práticas são possibilitadas pela mobilidade (ao mesmo tempo que não necessariamente garantem acessibilidade), o jogo centro-periferia ainda é a base estruturante dessa metrópole pós-industrial, e ainda não entendemos se os riscos contabilizados "compensam" o direito e escolha do deslocamento (quando este não se torna uma obrigação).

O que permeou de maneira clara entre os espaços de vida desses dois núcleos familiares foi a permanência e importância dos lugares como centro de significados (TUAN, 1983) e a construção coletiva de uma identidade territorial. Por mais que a mobilidade imprima um modo de vida e as metrópoles sejam constituídas e construídas por migrantes, estes parecem estar em constante movimento de enraizamento em busca da segurança existencial na modernidade.

## **MOBILIDADE E ENRAIZAMENTO NOS ESPAÇOS DE VIDA MIGRANTES**

A relação entre liberdade (fluidez) e segurança (pausa) não parece ser dicotômica nas narrativas, mas complementar, mostrando realidades distintas que se unem para tornar mais diverso das relações estabelecidas nas metrópoles industriais. A mobilidade, ambígua e ambivalente, não eliminou a necessidade do enraizamento, do lugar da territorialidade e da familiaridade. Ao contrário, parece que na transitoriedade da condição migrante tais laços se tornam mais importantes, constituindo-se em elemento central da experiência metropolitana. Isso ajuda a entender o porquê da presença tão marcante de grupos familiares que se mantêm no Jardim Amanda.

As metrópoles ainda são compostas por migrantes, mesmo no início do século XXI. Como é a mobilidade espacial (de variados tipos, desde a migração até os deslocamentos sazonais ou a pendularidade) que tem se firmado como o principal componente da dinâmica demográfica a promover a redistribuição espacial da população (HOGAN, 1998, 2005), a condição migrante é uma marca característica da vida nas metrópoles. Sejam migrantes de áreas rurais ou pequenos municípios em países que ainda não completaram a transição urbana, sejam migrantes de cidades de vários tamanhos que afluem para as metrópoles no contexto da nova dinâmica econômica globalizada, as metrópoles estão repletas de pessoas que não são estabelecidos. Em termos existenciais, estão em momentos diferentes da constituição de seu mundo circundante e lançam mão da mobilidade como estratégia para manter vínculos com o casulo protetor e estabelecer territorialidades, ao mesmo tempo em que esta mobilidade os expõe a riscos.

O envolvimento com o lugar e o pertencimento territorial coloca para estes grupos condições diferenciadas em termos de conhecimento e de capacidade de resposta (LEWICKA, 2008; 2010; MARANDOLA JR.; SANTOS, 2011; MARANDOLA JR.; GUEDES; SILVA, 2011). No entanto, como pergunta Gustafson (2009, p.490-491), a mobilidade estaria produzindo o desenraizamento e a perda de lugares, ou as pessoas poderiam manter o pertencimento territorial, mesmo com elevado padrão de mobilidade? Ou será que o enraizamento territorial possui um significado especial para estas pessoas móveis? Mais ainda: poderia a mobilidade, em si, produzir a sensação de pertencimento territorial? Que situações, incertezas e desafios apresentam às famílias? Como a fragmentação e a individualização se revelam nos espaços de vida?

É necessário considerar que arranjos familiares, processos migratórios, diferenças espaciais entre grupos migrantes, questão de gênero e as trajetórias e ciclos de vida mediam a experiência da mobilidade, complexificando as dimensões do fenômeno.

Estudos mostram a importância de características demográficas, como as diferenças entre a mobilidade de crianças, jovens, adultos e idosos (METTE JENSEN, 2006), ou as diferenças de acessibilidade e significados da mobilidade entre os gêneros (LAW, 1999; SILVEY, 2004). Por outro lado, os arranjos familiares, o capital social e as redes sociais na inclusão/exclusão interferem diretamente no aumento ou diminuição da acessibilidade (GRAY; SHAW; FARRINGTON, 2006).

Isso é muito claro quando observamos o espaço de vida de Joana e Diego: os espaços de vida deles são como um desmembramento que se mantém conectados a partir destas características. Por outro lado, a amplitude e diversidade do espaço de vida do jovem Diego contrastam com o peso que a ligação com a sede metropolitana possui no de Joana. O deslocamento e o próprio espaço de vida de Joana é ativado pela mobilidade de Diego, o que amplia suas alternativas em termos de mobilidade ou, de outro lado, pode favorecer sua imobilidade já que seu filho pode suprir muitas de suas necessidades.

Todos estes elementos também são distintos quando se considera a condição migratória, ou seja: os naturais (estabelecidos) possuem outro tipo de inserção na cidade e na região, possuindo elementos diferentes para negociar e planejar seus padrões de mobilidade, diferente dos migrantes recentes (MARANDOLA JR., 2008c), o que percebemos na densidade dos lugares da memória de Neusa e na limitação a lugares de parentes (também migrantes) de Joana. Em consequência, os riscos e perigos a que migrantes e estabelecidos são expostos, ou o grau de fragmentação de uma experiência corrompida, são em grande medida diferentes. No entanto, mesmo quando são os mesmos, são enfrentados a partir de outras bases. Ou seja, sua **vulnerabilidade** é diferenciada.

Nas três trajetórias biográficas, a mobilidade é vista como possibilidade de suprir necessidades básicas sem deixar o lugar de segurança: o bairro onde estão assentadas, mesmo que há pouco tempo, as raízes. Tanto para a estabelecida Neusa quanto para a migrante Joana ou o vir-a-ser Diego, é no bairro que estão os elementos espaciais e culturais de proteção e segurança. Poder utilizar-se da mobilidade para buscar o emprego ou outros serviços sem mudar do Jardim Amanda é uma forma de manter a proteção do casulo protetor para ambos (migrantes e estabelecidos). A imobilidade de Neusa ou não é percebida com risco, assim como a hipermobilidade de Diego é considerada positiva.

O relato da experiência pessoal do migrante (móvel ou imóvel no espaço metropolitana), portanto, é fundamental, pois não se refere à descrição objetiva dos acontecimentos, mas sim a subjetividade e o valor que o mesmo dá para cada um deles, segundo seus anseios e relutâncias (FERREIRA; AMADO, 2006; CHIZZOTTI, 2006). Permite que nos aproximemos do sentido deste habitar a metrópole, no sentido heideggeriano do termo (HEIDEGGER, 2001a).

As três trajetórias biográficas aqui descritas refletem diferentes etapas do ciclo de vida na região metropolitana – a juventude de Diego, a idade adulta de Joana e a velhice de

Neusa, expressando diferentes condições materiais e simbólicas de enfrentamento de riscos e de padrões de mobilidade. Outros elementos podem ser movimentados em conjunto, permitindo adensar este conjunto de sentidos. No nosso caso, as três histórias biográficas se relacionam intimamente com os estágios de evolução do bairro e o grau de relação que este passa a ter com a região metropolitana, ao longo dos anos. Os riscos experienciados não foram e não são os mesmos para todos, tanto pelas transformações materiais desses espaços vividos (FRÉMONT, 1976) quanto pela própria limitação e capacidade pessoal de se atribuir ou não valores aos lugares. Observamos o caso de duas famílias de migrantes, que para as próximas gerações, terão indivíduos estabelecidos (ou mesmo ainda virem-a-ser) da RMC. Possivelmente, esses estabelecidos não enfrentarão exatamente os mesmos problemas que seus antecessores enfrentaram (ou ainda enfrentam). Mas terão recursos dispostos, saberes armazenados que aumentarão o leque de estratégias para enfrentar os riscos (DE PAULA; MARANDOLA JR., 2011).

Migrantes ou não, a experiência da mobilidade na fragmentação do espaço de vida na metrópole produz ambivalências no que se refere à constituição de bairros ou comunidades e à manutenção de relações de parentesco e vizinhança que componham o mundo circundante, constituindo paisagens da mobilidade (ROBERTSON, 2007). Não podemos esquecer, no entanto, que a dimensão do bairro e a forte presença de redes sociais oriundas das próprias redes migratórias contribuem decisivamente para sua constituição enquanto território de proteção e consolidação das memórias coletivas (HALBWALCHS, 2006).

A memória, além de uma categoria social e cultural, é também espacial, principalmente para aqueles fenômenos que dizem respeito ao lugar (HOLZER, 1999; TUAN, 1983). Isso porque a memória compõe o lugar (faz parte de seu construto) e é responsável por armazenar e distribuir saberes que ajudam a constituir a identidade e fornecer segurança ao grupo, família ou lugar (DE PAULA; MARANDOLA JR., 2011). Sem a memória, cada novo evento danoso seria uma nova batalha, e o próprio processo de construção social dos riscos não poderia se efetivar, uma vez que as falas e os gestos do indivíduo, reverberados através da experiência, nunca pertence apenas ao “[...] próprio indivíduo, mas de outro (que a si mesmo) está inserido em um contexto familiar e social [...]” (ROUSSO, 2006, p. 94).

Portanto, é essencial a procura por um entendimento das estratégias próprias de adaptação que esses migrantes praticam no cotidiano, para entender a vulnerabilidade num duplo movimento: a exposição ao perigo e a capacidade de resposta ao mesmo tempo (HOGAN; MARANDOLA JR., 2005). Ser migrante, muitas vezes, pode ser uma experiência desconcertante, em que as referências espaciais e culturais devem ser reconstituídas, em um processo que envolve a própria auto-identidade (HALL, 2006; MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). Em contextos de hiper-mobilidade (JARVIS; PRATT; CHENG-CHONG, 2001), como no Jardim Amanda, numa região densamente urbanizada e com precariedades urbanas características de periferias (ROLNIK, 2001), isso pode ser um desafio maior ainda.

A situação do Jardim Amanda na RMC, se por um lado revela a possibilidade e a importância da manutenção das relações de bairro no espaço fluído da metrópole contemporânea, por outro, não revela as dificuldades de manutenção de tais laços em outras configurações territoriais. É necessário, pois, incorporar e investigar o negativo daquilo que este bairro nos revela, pensando os contra-territórios – a topofobia de Tuan (1980) – e os silêncios dos espaços que ficam para além do “túnel” nos deslocamentos.

A **densidade**, **intensidade** e a **diversidade** ainda marcam a vida na metrópole, assim como a fragmentação dos espaços de vida e da própria experiência. Estes elementos estão na base da individualização e da insegurança existencial, uma marca da fluidez e das rápidas transformações do espaço e da sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ARRAIS, T. Acionando territórios: a mobilidade na região metropolitana de Goiânia e em Aparecida de Goiânia. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, ano 26, n. 1. p.91-114, 2006.
- ASCHER, F. **L'âge des métapoles**. Paris, l'Aube, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTLING, H. Suburbia, Mobility, and Urban Calamities. **Space and culture**, Alberta, v.9, n.1, p.60-62, 2006.
- BAUMAN Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BECK, U. **Risk Society: Towards a New Modernity**. New Delhi: Sage, 1992.
- BECKMANN, J. Mobility and Safety. **Theory, Culture & Society**. v.21, ns.4/5, p.81-100, 2004.
- BELLAVANCE, G. Proximidade e distância da cidade: a experiência da cidade e suas representações. **Intersecções**. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.67-86, 1999.
- BERGER, P. L. **Invitation to sociology: a humanistic perspective**. New York: Anchor, 1967.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BILAC, E. D. Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões. In: CUNHA, José M. P. (Org.). **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Nepo, 2006.
- BONNAMEISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2002.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios sobre psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRETELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. Migration theory: taking across disciplines. In: BRETELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (Ed.). **Migration theory: taking across disciplines**. London: Routledge, 2008.
- BUTTNER, A. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, A.; SEAMON, D. (Ed.). **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.
- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CARDONA, Omar D. The need for rethinking the concepts of vulnerability and risk from a holistic perspective: a necessary review and criticism for effective risk management. In: BANKOFF, Greg; FRERKS, Georg; HILHORST, Dorothea (Ed.) **Mapping vulnerability: disasters, development & people**. London: Earthscan, 2004, p.37-51.
- COURGÉAU, D. **Méthodes de Mesure de La Mobilité Spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes**. Paris: Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques, 1988.

COURGEAU, D. Nuevos enfoques para medir la movilidad espacial interna de la población. **Notas de Población**, Santiago, v. 18, n. 50, p.55-74, 1990.

CRESSWELL, T. **On the move**: mobility in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

CUNHA, M. J. C. et al (Org.). **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.

CUTTER, Susan. Vulnerability to environmental hazards. **Progress in Human Geography**, v.20, n.4, p.529-539, Dec. 1996.

DE PAULA, F. C. **Constituições do habitar**: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE PAULA, L. T.; MARANDOLA JR., E. Memória e experiência no estudo da vulnerabilidade do lugar. In: D'ANTONA, A.O.; CARMO, R.L. (Org.) **Dinâmicas demográficas e ambiente**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidade. Campinas: Unicamp, 1990.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EMPLASA, Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano. **Pesquisa Origem e Destino da Região Metropolitana de Campinas (RMC)**, 2003.

FAZITO, D. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Anais. Ouro Preto, 2002, n.13. Anais, Campinas, ABEP. [CD-ROM]

FERREIRA, M. (Org). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Paris: PUF, 1976.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONÇALVES, António C. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, v.IV, p.15-32, 1988.

GRAY, D.; SHAW, J.; FARRINGTON, J. Community transport, social capital and social. **Area**, v.38, n.1, p.89-98, 2006.

GUSTAFSON, P. Mobility and Territorial Belonging. **Environment and Behavior**, v.41, n.4, p.490-508, 2009.

GUTIÉRREZ PUEBLA, J.; GARCÍA PALOMARES; J.C. Cambios en la movilidad en el área metropolitana de Madrid: el creciente uso del transporte privado. **Anales de Geographia**, v.25, p. 331-351, 2005.

HALBWALCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001a.

- HEIDEGGER, M. "... poeticamente o homem habita...". In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- HOGAN, D. Mobilidade Populacional e Meio Ambiente. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v.15, n.2, p.83-92, 1998.
- HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v.22, n.2, p.323-338, 2005.
- HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Território**. Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 67-78, 1999.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia Contemporânea. **GEOgraphia**, Ano V, n.10, p.113-123, 2003.
- HOLZER, W. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 23-32, 2005.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JARVIS, H.; PRATT, A. C.; CHENG-CHONG WU, P. **The secret life of cities: the social reproduction of everyday life**. Harlow: Prentice Hall, 2001.
- KAUFMANN, V. **Les paradoxes de la mobilité: bouger, s'enraciner**. Paris: Polytechniques Romandes, 2008.
- KELLERMAN, A. **Personal mobilities**. London: Routledge, 2006.
- LAW, R.B. 'women and transport': towards new geographies of gender and daily mobility. **Progress in Human Geography**. Otago, v.23, n.4, p. 567-588, 2006.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEE, E. S. "Uma teoria sobre a migração". In: MOURA, H. A. (Org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise**. Fortaleza, BNB, 1980.
- LEE, T. Urban neighborhood as a socio-spatial schema. **Human relations**, v.21, n.3, p.241-267, 1968.
- LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. **Geographia**, Niterói, ano III, n.6, p.7-20, jul./dez. 2001.
- LEWICKA, M. Place attachment, place identity, and place memory: restoring the forgotten city past. **Journal of Environmental Psychology**, n.28, p.209-231, 2008.
- LEWICKA, M. What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, n.30, p.35-51, 2010.
- MARANDOLA JR., E. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**. Goiânia, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.
- MARANDOLA JR., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar urbano. **Caderno de Geografia** (PUCMG), Belo Horizonte, v. 18, p. 39-58, 2008a.
- MARANDOLA JR., E. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**. Niterói, n.23, p.195-217, 2008b.
- MARANDOLA JR., E. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008c. 278p. (Tese de Doutorado). Campinas, IG-Unicamp.
- MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, Lívia (Org.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. [no prelo]
- MARANDOLA JR., E.; DAL GALLO, P. M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Rio de Janeiro, v.27, p. 407-424, 2010.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 20, p. 33-43, 2006.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidade do lugar vs Vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 26, n.2, p.161-181, 2009.

MARANDOLA JR., E.; SANTOS, F. M. Percepção dos perigos ambientais urbanos e os efeitos de lugar na relação população-ambiente. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, [aceito para publicação], 2011.

MARANDOLA JR., E.; GUEDES, G. R. ; SILVA, R. B. Perfis de mobilidade cotidiana intrametropolitana: utilização de métodos de lógica nebulosa na caracterização multidimensional da mobilidade nas Regiões Metropolitanas do Interior de São Paulo, Brasil. **Papeles de Población**, [aceito para publicação], 2010.

METTE JENSEN, Y.. Mobility among young urban dwellers. **Young**, v.14, n.4, p.343-361, 2006.

MORLEY, D. **Home territories: media, mobility and identity**. Londres: Rotledge, 2000.

MOURA, H. A. (Org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise**. Fortaleza: BNB, 1980.

OJIMA, R. Perspectivas para adaptação frente às mudanças ambientais globais no contexto da urbanização brasileira: cenários para os estudos de população. In: HOGAN, D.J.; MARANDOLA JR, E. (Org.). **População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais**. Campinas: Nepo-Unicamp/UNFPA, 2009.

ORFEUL, J. **Une approche laïque de la mobilité**. Paris: Descartes & Cie, 2008a.

ORFEUL, J. **Mobilités urbaines: l'âge des possibles**. Paris : Les Carnets de l'Info, 2008b.

PICKLES, J. **Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge : Cambridge University Press, 1985.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. Histoires de vie, espace de vie. **L'Espace Géographique**, n.2, p.122-130, 1998.

PIRES, Maria C. S. **Morar na metrópole: expansão urbana e mercado imobiliário na Região Metropolitana de Campinas**. 2007. Tese (Doutorado). Campinas, IG-Unicamp.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-26, 1979.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROBERTSON, S. Visions of urban mobility: the westway. **Cultural Geographies**. London, n.14, p.74-91, 2007.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. **The structures of the life-world**. Londres: Evanston, 1973.

SILVEY, R. Power, difference and mobility: feminist advances in migration studies. **Progress in Human Geography**. Otago, v.28, n.4, p.490-506, 2004.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOBREIRA, D. P.; CUNHA, J. M.P. A metrópole e seus deslocamentos populacionais cotidianos: o caso da mobilidade pendular na Região Metropolitana de Campinas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – ANPUR. **Anais**. Belém, 2007. n.13, ANPUR. [CD-ROM]

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

URRY, J. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

URRY, J. Mobility and Proximity. **Sociology**, v.36, n.2, p.255–274, 2002.

VASCONCELOS, E. A. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento**: reflexões e propostas. São Paulo: Annablume, 2000.

VASCONCELOS, E. A. **Transporte urbano, espaço e equidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

VIANA, W **Síndrome de migração**: fundamentos psicanalíticos sociológicos e terapêuticos. Campinas: Iprosam, 1978.

WATTS, M. J. e BOHLE, H. G. The space of vulnerability: the causal structure of hunger and famine. **Progress in Human Geography**, London, v.17, n.1, 1993.

WISNER, Ben ; BLAIKIE, Piers M.; CANNON, Terry; DAVIS, Ian. **At risk**: natural hazards, people's vulnerability, and disasters. 2ed. London: Routledge, 2004.

Recebido em março de 2012

Revisado em maio de 2012

Aceito em setembro de 2012

